

**A POESIA INFANTOJUVENIL E O CONFLITO DE GERAÇÕES: UMA LEITURA DE DUELO DO BATMAN CONTRA A MTV, DE SÉRGIO CAPPARELLI**

***CHILDREN AND YOUTH POETRY AND THE CONFLICT OF GENERATIONS: A READING OF DUELO DO BATMAN CONTRA A MTV, BY SERGIO CAPPARELLI***

Márcia Hávila Mocci<sup>1</sup>

Mestre em Letras - Estudos Literários  
Universidade Estadual de Maringá – UEM  
(marciamocci@hotmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho visa a uma breve análise da terceira parte da obra de poesia infantojuvenil *Duelo do Batman contra a MTV* (2004), do escritor Sérgio Capparelli, e que recebeu, em 2005, o Prêmio Jabuti de Literatura Juvenil. A obra apresenta-se estruturada em cinco partes distintas que dialogam entre si, expondo a trajetória do pai e do filho em seus encontros e desencontros. Os poemas abarcam as angústias, os conflitos e as crises existenciais da juventude. Destaca-se a relevância do tema uma vez que a poesia desde sempre encantou o público infantil e juvenil por ser a linguagem que mais aproxima a criança e o jovem de suas emoções. Toma-se como referencial teórico o pensamento de estudiosos e pesquisadores da literatura e da poesia infantojuvenil. Constatase que a terceira parte da obra: **Do filho ao pai** traduz a maneira de pensar e enxergar o mundo de um jovem de dezessete anos, assim como seus questionamentos em relação à vida, ao trabalho, à liberdade, ao dinheiro e à geração mais velha. Ressalta-se o ponto de vista da juventude contrapondo-se aos valores da geração anterior, confrontando-a e desafiando-a a fim de consolidar sua própria identidade.

**Palavras-chave:** Poesia juvenil; Sérgio Capparelli; **Duelo do Batman contra a MTV.**

**ABSTRACT:** This paper aims at a brief analysis of the third part of a children and youth poetry book entitled *Duelo do Batman contra a MTV* (2004), by the writer Sergio Capparelli, which received in 2005 the Jabuti Literature Prize for Youth Literature. The work is structured into five distinct parts that interact with each other, exposing the trajectory of father and son in their comings and goings. The poems encompass the anguishes, conflicts and existential crises of youth. The relevance of the topic is highlighted since poetry has always enchanted children and young people for being the language that most brings youth and emotions together. The theoretical references for this paper are the conceptions of scholars and researchers of the field of literature and children and youth poetry. It is concluded that the third part, *Do filho ao pai*, reflects the way of thinking and seeing the world from the perspective of a young man of seventeen years old, as well as his questionings about life, work, freedom, money and the older generation. The opposition between the point of view of the youth and the values of the previous generation is emphasized, as well as their confrontation and challenges in order to consolidate the youth's identity.

**Keywords:** Youth poetry; Sérgio Capparelli; *Duelo do Batman contra a MTV*; Identity searching.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras, Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Maringá - UEM.

## Introdução

**Duelo do Batman contra a MTV<sup>2</sup>** é a sétima obra de poesia premiada de Sérgio Capparelli, sendo a primeira destinada, especificamente, ao leitor juvenil. A referida obra por meio das lacunas textuais, ou espaços vazios, como os denomina Iser (1999), possibilita intensa participação do leitor, exigindo deste que produza sentidos para o texto. Essa interação pode ser observada já pelo título, pois, como a obra não está especificada como sendo de poesia, o leitor é levado a questionar: Trata-se de um livro de histórias em quadrinhos (uma vez que remete ao *Batman*)? O que a MTV tem a ver com o *Batman*? Qual o motivo da oposição do herói à emissora? O que levaria o *Batman* a “desaprovar” um canal tão interessante para os jovens?

A própria capa do livro, ilustrada por Gilmar Fraga, fornece pistas ao leitor, pois a imagem do *Batman* diante da televisão é sugestiva, aparentando tratar-se, realmente, de um embate. O sorriso do herói diante da TV pode demonstrar que este levou “a melhor” ou, pelo menos, está satisfeito com sua posição no “duelo”. As cores também são significativas: o amarelo, ao fundo, dá luminosidade à cena e contrasta com o azul intenso da capa do herói que se estende por toda a contracapa da obra. Ainda em relação à capa do herói, cumpre lembrar que a maneira encurvada como suas extremidades estão representadas (detalhe que também se estende à contracapa) sugere a ideia de movimento, ação que remete ao título. É preciso lembrar que os “morcegos” quando em movimento abrem suas asas, no caso do *Batman* para voar, ou mesmo duelar.

**Duelo do Batman contra a MTV** divide-se em cinco partes distintas que dialogam entre si. Na primeira parte, o pai dirige-se ao filho abordando questões filosóficas e assuntos que a maioria dos pais gostaria de dizer a seus filhos; na segunda, o filho sozinho e prestes a sair de casa reflete sobre questões próprias da juventude; na terceira parte, o filho dirige-se ao pai falando sobre seus medos e ansiedades; na quarta, o pai relembra os dias de sua juventude em que viveu as mesmas contradições do filho e, finalmente, na quinta parte, completando o círculo,

---

<sup>2</sup> Todas as citações apresentadas seguem a obra: CAPPARELLI, Sérgio. *Duelo do Batman contra a MTV*. Ilustrações Gilmar Fraga. Porto Alegre: L&PM, 2004.

pai e filho relembram e homenageiam “Vô Giuseppe e Vó Arzelina”, lembrando que os mesmos continuam existindo em seus descendentes.

Na obra em questão, Sérgio Capparelli aborda duas situações distintas e, muitas vezes, conflituosas: ser pai e ser filho, remetendo o leitor aos embates entre as gerações e aos questionamentos sobre temas comuns às famílias atuais. Em **Duelo do Batman contra a MTV** o leitor implícito, configurado por meio das estruturas textuais, dirige-se preferencialmente ao jovem, permitindo, entretanto, leitores de outras faixas etárias, pois, de acordo com Iser (1996, p. 73), o leitor implícito “materializa o conjunto das preorientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção, a seus leitores possíveis”.

Estabelecendo uma relação de proximidade com o leitor, o eu-lírico, enquanto filho, assume uma linguagem coloquial própria da oralidade e, conseqüentemente, do pensamento juvenil, como se pode observar em diversos poemas: “Que nem um submarino [...] Eu, hein” ( p. 37); “Mas, às vezes, eu vacilo” (p 41); “Bum!, você exclama compadecida” (p. 45); “pai, filho, ok, mas também nada disso” (p. 54); “Quando chego em casa, zonzinho de umas cervejas,/abro a porta e lá está meu pai pronto para um sermão. [...] E se levanto, papai me cerca” ( p, 58).

Um vocabulário mais elaborado fica representado pelo discurso do pai, o que acaba tornando a própria linguagem um diferencial e elemento representativo do “duelo” entre as gerações. Citamos como exemplo as referências à mitologia grega: “mas os calos de Sísifo empurrando a rocha (p. 20) e os termos eruditos: “Quando os melros emudeceram [...] Quando as brasas recrudesceram” (p. 18), “ocluso no tempo e solene na espécie” (p. 22), “de favorecer os ventos Alíseos e os Elíseos” (p. 24), entre outros.

Os poemas, de maneira geral, apresentam uma boa dose de humor e ironia, componentes que despertam o interesse e curiosidade juvenis. Desilusões amorosas, amores impossíveis, explosões repentinas, indignação, desejo de ficar e partir ao mesmo tempo, tristeza e alegria simultâneas são constantes em **Duelo do Batman contra a MTV**. Na composição dos poemas, o autor faz uso da fala, dos sentimentos e das reações características da juventude, apresentando um certo teor de mistério e de surpresa que faz com que o leitor queira adentrar à leitura a fim de saciar sua curiosidade.

Organizados em cinco blocos, os poemas da obra toda possuem ligação e dependência mútua, pois interagem entre si. Nesse aspecto, Iser (1999) ressalta o fato de o texto ser um sistema de combinações e de que cabe ao leitor realizar tais combinações, assim como fazer as relações necessárias a fim de deslindar os sentidos do texto e estabelecer pontos de conexão entre as várias perspectivas por ele oferecidas.

### **Terceira parte da obra: Do filho ao pai**

Considerando o diálogo entre pai e filho estabelecido na obra toda, procuramos verificar, na terceira parte, como ocorre a representação do pai sob a perspectiva do filho nos 10 poemas que a compõem: **Não foi nada, Mano a mano, Um vulto, O amor não é oferenda, Legionário de free-way, Claraboia, Falando em \$, O trabalho, Meu ponto de vista e Agora que não estou só**. Alguns temas já abordados nos blocos anteriores se repetem neste segmento, como o conflito entre gerações, as lembranças da mãe que se foi, a solidão, o desejo de liberdade, a fuga dos compromissos e a necessidade de autoconhecimento. Outros, como o consumismo, o lazer, a publicidade e o poder da mídia sobre a juventude são inéditos.

O amor continua sendo o fio que entrelaça os poemas e se reflete no jogo de espelhos entre pai e filho. O primeiro poema do bloco, **Não foi nada** (p. 52), é composto por oito estrofes de versos brancos e polimétricos, em que se observam os laços que unem o filho ao pai; o texto reflete a maneira carinhosa como o filho se sente em relação ao progenitor e descreve a confiança e o amor que o eu-lírico tem pelo pai. No poema, o filho confia ao leitor que quando se sente desamparado, impotente diante da vida, “vira-se para o pai”, pois sabe que pode contar com o seu apoio; o pai sempre aparece no momento oportuno e, confortando-o, “[...] sorri, não foi nada, não foi nada” (p. 52)

Nos momentos esses em que saio por aí, [...] Como uma criança que perdeu definitivamente o rumo de casa; Nos momentos, nesses momentos, Meu pai aparece, também assim, de repente, Sem nada perguntar porque ele também conhece a escuridão da luz E me convida a dar umas bandas por aí. (p.52)

A partir da quinta estrofe o eu-lírico passa a utilizar a primeira pessoa do plural para descrever as aventuras vividas junto ao pai, traduzindo a cumplicidade que os dois desfrutam. Pai e filho riem, contam histórias, bebem e voltam para casa felizes, contando com a presença confortadora um do outro: “tomamos os desvios pela mesma estrada velha,/construindo redes no nosso percurso,/de malhas fortes, estreitas, e com elas enredo tudo o que se anuncia” (p. 53). A ligação entre pai e filho é tão forte que supera os obstáculos da caminhada.

Na realidade, **Não foi nada** pode ser interpretado como uma resposta do jovem ao poema do primeiro bloco **Te vira meu filho** (p.12), em que o pai pede ao filho que se volte para ele e busque sua presença confortadora: “E se estiveres só/Com a lua abandonada no peito/[...] Te vira meu filho/te vira para mim/que eu te estenderei a mão” (p. 13).

O diálogo entre os blocos que compõem a obra é propiciado pelo entrelaçamento das vozes do pai e do filho e estimula a leitura, uma vez que, conforme Iser (1999), possibilita a combinação de diferentes pontos de vista, relacionando os esquemas textuais e fazendo emergir as representações por parte do leitor, de forma que este vá, aos poucos, abarcando a obra em sua totalidade.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que o leitor vivencia, no momento presente, as aventuras do eu-lírico junto ao progenitor, recorda-se das palavras do pai nos poemas anteriores. Isso ocorre porque, como ressalta Iser (1999, p. 13), durante a leitura o leitor promove sínteses do que foi apreendido e, “graças a essas sínteses, o texto se traduz para a consciência do leitor, de modo que o dado textual começa a constituir-se como correlato da consciência mediante a sucessão de sínteses”.

Em **Não foi nada** (p. 52), além da alta carga de emotividade provocada por meio da linguagem poética, especialmente por meio das metáforas criativas, como em “[...] meu peito é um buraco negro sugando estrelas”, a identificação do jovem com o texto poético se dá pelo fato de este saber que, ao final de suas aventuras, poderá contar sempre com o apoio do pai, seu porto seguro.

Sentir-se, em certos momentos, como um homem de verdade faz parte da trajetória do jovem, sendo de grande importância para sua autoafirmação saber que detém o controle da situação e está no comando. Sérgio Capparelli consegue captar essa necessidade juvenil, solidarizar-se com ela e transformá-la em poesia. Isso

ocorre em **Meu ponto de vista** (p. 64), poema construído em uma única estrofe de 19 versos, em que o sujeito lírico descreve uma queda de braços que tem com o pai e da qual sai vencedor.

O tom de orgulho do filho pela vitória se faz presente logo em suas primeiras asserções: “os braços estendidos, as veias bem marcadas/os músculos tensos do homem que agora eu sou” (p.64). Ainda durante a queda de braço, o eu-lírico relembra a época em que, quando criança, foi atacado em frente à sua casa e o pai veio correndo socorrê-lo. Esse movimento de ir e vir dos acontecimentos e personagens, conforme Iser, faz com que o leitor transfira, por meio das estruturas textuais, o texto para sua consciência, e em meio às sínteses a história vai se compondo durante a leitura: “Essas sínteses, porém, não se realizam após determinados momentos de leitura; muito ao contrário, a atividade sintética continua em cada fase em que se move o ponto de vista do leitor”. (ISER, 1999, p. 13) Sendo assim, no fluxo temporal da leitura, o passado e o futuro se encontram no momento presente, e o ponto de vista em movimento transforma o texto, na consciência do leitor, em uma rede de relações. É pela acumulação das perspectivas textuais que o leitor tem a impressão de estar presente no mundo da leitura.

Demonstrando possuir um caráter questionador, em **Meu ponto de Vista** (p. 64), o filho inquire o pai pela suposta “demora” em vir socorrê-lo iniciando-se, assim, um diálogo direto entre os dois:

Onde você estava, perguntei, nunca está quando eu preciso, sempre estou, disse ele, tremendo em sua explicação patética, perdendo cabelos, e ele sorriu, até seu pulso estendido tocar o tampo da mesa, ganhei, ganhou, reconheceu, e me bateu no ombro, assim, como bons companheiros. (p. 64)

Observa-se que eu-lírico evita tecer comentários; ao invés de interpretar os fatos, assim como uma câmera, ele opta por apenas mostrá-los, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas conclusões a partir dos diálogos. Prefere não explicar os acontecimentos, deixar lacunas, espaços vazios a serem preenchidos pelas representações do leitor. Em **Meu ponto de vista** (p. 64), o leitor preenche esses vazios dentro de um leque de possibilidades oferecidas pelo próprio texto.

Conflitos entre pais e filhos são frequentes na juventude e, até certo ponto, considerados normais; conforme argumenta Groppo (2000), a juventude passa por

um processo de “maturação” em que o jovem se prepara para integrar-se plenamente à sociedade e nessa fase é propenso a explosões repentinas. Segundo o autor, durante o processo de construção de identidade, os conflitos com os adultos e os pequenos distúrbios psicológicos são tidos como partes ou etapas do desenvolvimento juvenil; também os problemas emocionais e conflitos sociais são considerados normais, pois fazem com que o jovem acabe encontrando sua verdadeira identidade e se ajuste ao seu grupo social.

O poeta Sérgio Capparelli, atento às nuances do comportamento juvenil, retrata de forma exímia, em **Mano a mano** (p. 54), texto de única estrofe de 25 versos, um desses instantes de explosões abruptas do jovem ocasionadas pelo conflito de gerações. O poema se caracteriza por um momento descontraído em que pai e filho bebem juntos num clima de harmonia e camaradagem conversando sobre assuntos diversos, de “homem-prá-homem”: “É a primeira vez que bebemos juntos/assim, no mano a mano” (p. 54). Porém, num determinado momento da conversa as opiniões começam a divergir e o eu-lírico se dá conta de que ele e o pai não são tão iguais assim: “pai, filho, ok, mas também nada disso” e começa uma discussão em que o filho “explode” e fala coisas que o magoam e incomodam há muito:

[...]  
palavras trancadas na garganta explodiram como uma represa que desaba facas, armários, baús, janelas, banheiro, muita coisa, juro, e, quando me dou conta lá estou eu chorando, e chorando, papai, me coloca a mão no ombro. (p.54)

O desabafo proporciona ao eu-lírico uma sensação de alívio e leveza. O pai também chora, provavelmente de alegria pelo fato de o filho ter sido capaz de expressar seus sentimentos e, com sabedoria, coloca a mão no ombro do filho convidando-o para beberem juntos: “Vamos?”

O gesto de colocar a mão no ombro do filho, presente também em **Meu ponto de Vista** (p. 64), além de demonstrar o carinho do pai pelo filho, remete à aquiescência, cumplicidade e aceitação sendo, portanto, um gesto de afeto diferente do abraço, por exemplo, dado por um avô; não se trata de uma demonstração de aconchego, mas de cumplicidade e parceria.

Dialogando com os poemas **Não foi nada** (p. 52) e **Meu ponto de Vista** (p. 64), **Mano a mano** os complementa no sentido de, apesar das divergências, o jovem saber que pode contar com o ombro amigo e o amparo do pai em quaisquer situações de sua vida. A mensagem poética fala diretamente ao coração do jovem e também ao do leitor, pois sentir-se aceito após uma demonstração de fraqueza é uma necessidade do ser humano, que precisa saber-se amado apesar de suas explosões, seus descontroles e suas imperfeições.

O desejo de liberdade e a fuga dos compromissos, por serem características marcantes da juventude, ocorrem na vida do eu-lírico e, conseqüentemente, refletem-se em suas atitudes, palavras e sentimentos intensos que o filho precisa comunicar ao pai. Essas contradições juvenis podem ser observadas em **Legionário de free-way** (p. 58), poema composto em uma única estrofe de 35 versos, em que o sujeito lírico, ao chegar em casa após tomar umas cervejas a mais, vê-se acuado pelo pai que quer “conversar” sobre sua atitude. O jovem, numa atitude típica, tapa os ouvidos, corre e esconde-se para não ouvir o que o pai tem a lhe dizer: “Qual o quê! Não adianta, sua voz me persegue/vê, já entrou no labirinto auricular e estronda na bigorna/cada palavra um *flash*, um estouro de fogos” (p.58).

Num estado de desespero, o filho racionaliza: “minha nossa, quem me salva dessa, minha mãe, ah, mãezinha”, mas, infelizmente para ele, a mãe alia-se ao pai: “não foge que é pior, ela diz, como um goleiro no gol de braços abertos”. Nesse momento o texto causa estranhamento ao leitor, que já apreendeu, em poemas anteriores, que a mãe do jovem morrera quando ele era bebê. O fato inusitado, a presença da mãe no texto, gera uma ruptura no horizonte de expectativas do leitor e, de acordo com Jauss (1994), ao romper esse horizonte, em maior ou menor grau, o texto literário conduz o leitor a uma nova percepção da realidade.

Durante todo o poema **Legionário de free-way** observa-se a presença da ironia, recurso que enriquece e dá comicidade ao texto: “estou no beiral da sintaxe, pronto para o pulo, [...] e meu pai insiste, podemos ter uma conversinha enquanto você pula” (p.59).

O eu-lírico sabe das responsabilidades da vida adulta, porém quer continuar a ser apenas um legionário de **free way**: “mas eu fujo, sim, fujo, há anos



sou telespectador/do cinema *hollywoodiano*, viro, reviro e me contorço” (p. 59). Ele aprecia, pois, essa posição que lhe é cômoda e à qual está acostumado. De acordo com Benjamin (1993), a juventude é a época das contradições, pois ao mesmo tempo em que almeja a maturidade o jovem não quer arcar com as responsabilidades da vida adulta. Dentro do jovem, bio e psicologicamente, assim como em seus valores, existem duas formas distintas: a antiga forma infantil e a futura, adulta: “A negação da maturidade é um congelamento subversivo do tempo e da própria finalidade social da juventude” (GROPPO, 2000, p 211). Portanto, o contraste entre as formas adulta e infantil de pensar, sentir e enxergar o mundo ainda estão presentes na juventude, ora predominando uma, ora outra, e justamente esse contraste, que não pode ser eliminado, é a própria essência da juventude.

No exato momento em que o filho se prepara para pular da janela, ele acorda e vê o pai a seu lado: “você está bem?/estava tendo um pesadelo?” (p.59). A mudança brusca dos acontecimentos provoca, no leitor, surpresa e sensação de alívio, além de esclarecer a presença da mãe já falecida.

É relevante observar que, na incorporação do fictício, Capparelli aproxima-se muito da maneira de pensar e sentir do jovem. Em **Legionário de free-way** (p. 58), o que conta, ao final, é que o filho continua se sentindo amado e seguro ao lado do pai e essa segurança é transmitida ao leitor, que também se sente respeitado.

O mesmo desejo de liberdade continua a se manifestar em **Clarabóia** (p. 60), poema em que o sujeito lírico diz, em tom de desabafo, que as claraboias, por enquanto, são os limites para seus voos, mas não lhe bastam, pois quer sentir o vento bater-lhe no peito, quer voar e alcançar as montanhas. E precisa fazer isso antes que fique velho demais: “antes que minha vista enfraqueça/voar antes que o céu fique lento” (p. 60). Sua ânsia de voar está ligada ao desejo de liberdade e à necessidade de se conhecer, o que é, segundo os sociólogos, uma das principais necessidades do jovem

O jovem tem desejo de descobrir o novo, “da incerteza das nuvens” (p. 60), e na maioria das vezes, não tem paciência para esperar. Quando o eu-lírico diz: “Voar antes que o mundo/suprima voos sem bússolas” (p. 60), está se referindo ao fato de sair enquanto pode ser livre, enquanto não há horários, filhos e padrões para prendê-lo. Nesse aspecto o texto dialoga com **Asas abertas** (p.44), quando o

jovem afirma sentir-se melhor nas alturas, no mundo dos sonhos, das ilusões: “não me sinto bem/em terra firme.”

A solidão, sentimento que surge de repente e insiste em acompanhar a vida do jovem, manifesta-se em diversos poemas da obra **Duelo do Batman contra a MTV**. Em **Claraboia** (p. 60), ela surge como uma dor inexplicada, que assusta o jovem e o faz sofrer, mas que se faz necessária para seu autoconhecimento, a descoberta de quem realmente é: “voar para sangrar meu peito, entender quem sou eu/e, no fim de tudo, distinguir uma asa ferida da dor de estar só” (p 60). Ou seja, a solidão surge como um momento de ruptura do jovem com a sociedade e com a família: ele primeiro precisa romper com os elos afetivos para depois retornar a eles.

Em **Agora que não estou só** (p. 65), a solidão se manifesta pela falta dos familiares. O eu-lírico dirige-se a alguém, que não fica exatamente claro quem possa ser, o pai ou a irmã, lamentando não poder contar mais com sua companhia: “Agora que você se foi, tudo parece anormal” (p. 65). Sente falta das brincadeiras e discussões com a irmã: “No almoço, faz falta o tempero dos risos e das querelas;/de minha irmã, uma falta terrível! De que me servem as implicâncias?” (p. 65) E também não gosta de fazer o trabalho doméstico sozinho, lavar, passar, cozinhar... Até as aulas de direção o deixam amedrontado.

O próprio título do poema, **Agora que não estou só**, já é uma ironia, pois o filho tem por companhia apenas o trabalho, e não está sozinho justamente por causa dele. Novamente temos uma contradição da juventude: desejar estar só e sentir necessidade de companhia, ansiar pela privacidade e sentir saudade dos entes queridos.

A discussão de problemas sociais como a influência da mídia, a sedução da publicidade, o consumismo, o individualismo, o lazer e o poder de compra da sociedade capitalista perpassam alguns poemas desta parte da obra. Inseridos de forma divertida, e muitas vezes irônica, tais assuntos levam o leitor a refletir sobre questões que influenciam a juventude atual.

O eu-lírico, apesar de novo, 17 anos, deixa transparecer, por meio dos poemas, possuir um espírito crítico e questionador em relação a assuntos mercadológicos, à mídia e ao consumismo de maneira geral. Não é um jovem alienado que se deixa dominar facilmente pelos meios de comunicação; pelo

contrário, está ciente do seu poder de manipulação e é capaz de se posicionar em relação a eles.

No poema **Falando em \$** (p. 61), composto por uma única estrofe de 14 versos, o sujeito lírico demonstra sua incredulidade e descrença no ser humano ao constatar que o que fala mais alto é o poder de compra da moeda. Afirma que existem árvores que dão dinheiro, mas (que ironia!) até elas cobram juros - e aqui o leitor pode inferir que tais árvores sejam os bancos - e que tudo na vida tem seu preço. Por meio de metáforas, o jovem fala sobre as pessoas “engessadas”, escravas do dinheiro e do poder que este lhes traz. O sexo também se rende à força monetária: “sem ele nem a lua levantaria a saia” (p. 61).

Na verdade, o texto reflete a desesperança juvenil em relação a valores como a solidariedade, a honestidade, o altruísmo; o que salta aos olhos é a ganância do ser humano e a luta pelo lucro, a vida regida pelo poder monetário e a falta de humanização: “e se nos tornássemos manequins de gesso, de arame, de palha?/O dinheiro adoça os dedos e atíça incêndios” (p. 61). Além do recurso à interrogação como forma de provocação o texto, por meio das metáforas, conduz o leitor à reflexão: De que forma o dinheiro “adoça” os dedos? Que “incêndios” seriam provocados por ele?

O eu-lírico demonstra grande sensibilidade ao perceber a frieza e o distanciamento em que se vive no mundo atual, sente falta de mais risos, alegria e sinceridade: “Tem gente a quem faltam sorrisos, pois riem de menos/e sonham abrir um *site* na internet só para tristezas” (p. 61). Sua fala demonstra um espírito perceptivo e, ao mesmo tempo, irônico e crítico.

O trabalho, dada sua importância no contexto social, é um tema importante e polêmico para a juventude; no entanto, é abordado pelo filho de maneira divertida, e até mesmo irônica, no poema de idêntico nome. Em **O trabalho** (p. 62), o fato de ainda não poder sustentar-se não incomoda o eu-lírico: “Ainda não sei o que é comer o pão com o suor do meu rosto/até porque prefiro manteiga.” (p. 62). O jovem tem consciência de que seu papel ainda não está definido na sociedade, mas isso não o preocupa: está bom assim, ele prefere mesmo algo mais leve, como “manteiga”. Afinal, realiza diversas atividades: “karatê, inglês, nado *crawl*, de peito e borboleta” e ainda se depara com a “constante ameaça” do vestibular.

O eu-lírico jovem deixa claro que gosta de “curtir a vida”, principalmente de rock; aliás, a paixão pelo gênero é também compartilhada pelo pai, que manifesta seu apreço pelo rock em poemas como **Na autoestrada Veneza-Milão** (p. 20), em que, referindo-se à época em que o estilo musical foi divulgado no Brasil, o pai afirma que para ele “o rock explodiu que nem canção de ninar” (p. 21). Tanto para a geração do pai quanto para a do filho, o rock, mais que um gênero musical, pode ser considerado um dos produtos-signos da juventude.

Demonstrando estar consciente do lugar e do papel que ocupa na sociedade, em **O trabalho** (p. 62), o eu-lírico considera-se a razão para existirem as grandes marcas: “eu sou o logos da marca e a bola da vez” (p. 63). Anuncia também que ele, enquanto juventude, é o motivo e o principal alvo das propagandas: “A publicidade me anuncia, no piscar do néon/e nos quadris das *top-models* na passarela.” (p.62)

Atualmente, muitos dos valores atribuídos à juventude pela publicidade são os mesmos que se imputam ao homem moderno: irreverência, extravagância, ousadia, espontaneidade, exclusividade e interesse pela novidade, entre outros. Para vender os mais diversos produtos, a publicidade associa-os à juventude, pois sabe que é essa associação que os torna atraentes ao consumidor. A publicidade vende a imagem da juventude, atraindo aqueles que, mais velhos, procuram os produtos para “sentirem-se” jovens.

Na sociedade capitalista em que se vive atualmente, a juventude, mais do que uma categoria de idade, aparece difundida pela mídia como um estado de espírito idealizado: o de sentir-se e parecer sempre jovem. Trata-se de uma identidade social na qual as pessoas se tornam consumidoras potenciais da indústria da juventude.

Em **O trabalho** (p. 62) observa-se que, assim como a maioria dos jovens da atualidade, o eu-lírico apresenta um lado cético em relação à vida, descrente e sem perspectivas: “e me vendo em meu ofício, onde os heróis não existem” (p.63). Crítico, o jovem questiona o pai em relação ao valor do trabalho: “não me venha com suposições absurdas/sobre o engrandecimento da personalidade pelo trabalho [...] Você vem e me fala de Marx. Que Marx?/Ontem vi ‘O Capital’ vendido num supermercado de periferia,/É volumoso./Com ele se embrulha carne, biscoito, arroz, feijão,/e os pequenos saem de barriga cheia.” (p. 63).

Esse discurso, porém, não esconde a fragilidade do eu-lírico, uma vez que, na sequência do poema ele reconhece sua condição transitória, suas limitações, seu papel ainda não definido na sociedade e sua necessidade de busca de identidade: “e quando nos demos conta, estávamos no Expresso Tempo/Novos/Sem motorista/E uma passagem só de ida/” (p. 63). O fato de ele e seus amigos estarem sozinhos numa virada de ano indica que terão que, daí por diante, conduzir as próprias vidas, pois não têm como voltar no tempo, a não ser por meio das lembranças. Neste poema, novamente Capparelli solidariza-se com os conflitos da juventude e assim como em **Prato na pia** (p. 39), **Asas abertas** (p. 44), **Legionário de free-way** (p.58) e **Claraboia** (p. 60), retrata o anseio de liberdade do jovem.

### **Considerações**

De maneira geral a obra **Duelo do Batman contra a MTV** se mostra orgânica em seu conjunto, pois tanto a linguagem como o projeto gráfico estão em consonância com a temática abordada. A linguagem reflete o conteúdo e a ilustração completa e complementa a mensagem poética. Como o texto remete às histórias em quadrinhos, a parte gráfica acompanha as características do gênero, apresentando imagens em preto e branco e com contornos não totalmente definidos; o predomínio da cor preta evoca certo clima de mistério e suspense. Além das ilustrações, outra marca característica da linguagem das histórias em quadrinhos, utilizada na obra, é o tipo da letra utilizada na numeração das páginas e no título dos poemas.

A ilustração é um fator que tende a chamar a atenção do público jovem, pois, não se pode negar a importância da linguagem visual nos dias atuais, principalmente para uma juventude acostumada a tantos estímulos e à simultaneidade de imagens, como nos cliques da MTV. De acordo com estudos da Sociologia da Leitura, existem procedimentos que propiciam diferentes formas de leitura e não são produzidos pelo autor, mas pelo editor, como a disposição e a divisão do texto e sua tipografia. Esses procedimentos não pertencem à escrita, mas à impressão, porém influenciam grandemente na recepção do texto literário.

Em relação à terceira parte da obra, objeto de análise desse estudo, no plano do conteúdo verifica-se a complexidade dos temas e a elaboração estética; a valorização do lúdico através do humor e o conteúdo ideológico crítico que não reduplica os modelos de dominação do adulto, ao contrário, questiona-os. Uma produção que rompe com a postura autoritária e o menosprezo em relação ao jovem, tratando-os em nível de igualdade.

Ao nível da linguagem, os poemas contemplam o jogo com as significações, a musicalidade obtida por meio da exploração de versos regulares, a combinação de diferentes metros, o verso livre e o jogo de palavras criando ambiguidades que encantam o leitor pela originalidade e pelo estranhamento. Dessa forma a obra apresenta um caráter inovador e revolucionário ao fugir do didatismo ou do lugar comum da poesia, muitas vezes oferecida ao público infantil e juvenil.

As indeterminações ou espaços vazios presentes nos poemas são fator de enriquecimento, pois, de acordo com Iser (1999), exigem do leitor uma participação ativa durante a leitura. Devido ao grande número desses vazios o leitor é levado a preencher as lacunas textuais por meio da imaginação, o que exige a mobilização do conteúdo afetivo e intelectual a fim de criar novas representações.

No bloco **Do filho ao pai**, a perspectiva do leitor a respeito do pai vai sendo construída sob a ótica do eu-lírico. Nos poemas o pai ganha vida por meio das considerações do filho, que conduzem o leitor a uma visão positiva do pai, atribuindo-lhe características positivas como sabedoria, generosidade, paciência e companheirismo.

A partir dos diálogos entre pai e filho, algumas semelhanças entre os dois podem ser identificadas: a necessidade de sair, viajar, viver novas aventuras, ter um tempo só para si, o questionamento das verdades absolutas, o uso contínuo da ironia e o espírito crítico e aventureiro.

**Do filho ao pai** traduz a maneira de pensar e enxergar o mundo de um jovem de dezessete anos, assim como seus questionamentos em relação à vida, ao trabalho, à liberdade, ao dinheiro e à geração mais velha. É o ponto de vista da juventude contrapondo-se aos valores da geração anterior, confrontando-a e desafiando-a a fim de consolidar sua verdadeira identidade. De maneira geral, a poesia apresentada em **Duelo do Batman contra a MTV** desempenha um

importante papel na formação do leitor juvenil na medida em que atua no desenvolvimento de sua sensibilidade estética, imaginação e criatividade.

### **Referências**

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas II. Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CAPPARELLI, S. **Duelo do Batman contra a MTV**. Ilustrações Gilmar Fraga. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

ISER, W. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999, v. 2.

JAUSS, H.R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.